

20 anos da Conferência Mundial da ONU sobre a Mulher

# As Muralhas da China: 20 anos da Conferência Mundial da ONU sobre a Mulher

» DENISE DORA

*Advogada e feminista, diretora e vice-presidente de formação do Fundo Brasil de Direitos Humanos, foi coordenadora do Programa de Direitos Humanos da Fundação Ford no Brasil de 2000 a 2011*

Em 1995, a Organização das Nações Unidas (ONU) promoveu a 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher, em Pequim, China. Cento e oitenta governos e 50 mil pessoas participaram. Só do Brasil, 700 mulheres estiveram na conferência, como representantes de governos ou de organizações não governamentais. De 4 a 15 de setembro, discutiu-se a situação das mulheres no mundo, as desigualdades, as discriminações, os avanços, as novas conquistas, os novos desafios.

O intenso debate resultou na Plataforma de Ação de Pequim, com 12 capítulos sobre Mulheres e Pobreza; Educação e Capacitação de Mulheres; Mulheres e Saúde; Violência contra a Mulher; Mulheres e Conflitos Armados; Mulheres e Economia; Mulheres no Poder e na Liderança; Mecanismos institucionais para o Avanço das Mulheres; Direitos Humanos das Mulheres; Mulheres e a Mídia; Mulheres e Meio Ambiente; e Direitos das Meninas.

A Plataforma de Ação de Pequim compromete estados membros da ONU a revisarem leis, estabelecerem políticas públicas e garantirem direitos. Mas funciona? Penso que sim, e não. Funciona ao estabelecer marco, patamar, a partir do qual gestores públicos, parlamentares e integrantes do

Judiciário encontram as demandas das mulheres do mundo todo, elaboradas a partir de necessidades reais, fruto de vozes femininas concretas. Essa plataforma orientou, no Brasil, as políticas de combate à violência contra mulheres, que resultou em ampliação de delegacias da mulher e, posteriormente, na aprovação da Lei Maria da Penha.

Também inspirou leis e políticas públicas voltadas a apoiar a participação das mulheres na política e o enfrentamento à discriminação no trabalho. Em outros países, em especial na África e no Oriente Médio, incentivou mulheres a lutarem pelo direito à educação, luta que levou Malala Yousafzai a receber o Prêmio Nobel da Paz em 2014.

A plataforma tem o poder de "empurrar" líderes a apoiarem direitos das mulheres, mas não faz mágica. Onde não há vontade política; onde há discriminação institucional entranhada no Estado e na sociedade, extrema pobreza e desigualdade; onde há guerra, ditadura e fanatismos religiosos, faltam direitos. Sob intensa dificuldade, ainda assim as mulheres têm Plataforma de Ação da ONU, plano global de combate à discriminação e à violência.

Vinte anos depois, no 8 de março de 2015, Dia Internacional da Mulher, a Comissão da Mulher da ONU reúne-se em Nova York para

fazer balanço de conquistas e desafios. O movimento feminista internacional estará lá para acompanhar o debate e assegurar-se de que, apesar de todas as dificuldades, não teremos retrocesso. Pelo menos no papel. Na vida real, temos que enfrentar o Boko Haram sequestrando e matando meninas impunemente, ou os assassinatos em nome da honra ou da paixão, ou as mortes maternas evitáveis, ou, ainda, a presente desigualdade no mercado de trabalho.

Franz Kafka escreveu o precioso livro "A grande muralha da China", em que imagina como teria sido construída. Sendo tarefa tão difícil e longa, uma pessoa poderia trabalhar a vida toda e não ver o produto do trabalho nunca. Assim, a muralha foi construída por partes; por anos, as pessoas trabalhavam naquele pedaço de muralha, mas ficavam felizes ao concluir sua parte.

O Fundo Brasil de Direitos Humanos faz isto, constrói sua parte, apoiando grupos de mulheres em todo o país. É um trabalho que busca engajar mais pessoas no combate à discriminação, com a proposta inovadora de construir mecanismos sustentáveis para canalizar recursos destinados aos defensores de direitos humanos. Os desafios continuam e precisamos dos esforços de todos para superá-los.